

Alberto Dines

Bola de cristal



(* Siderado pela incompetência generalizada no "debate unificado" de domingo, o voto da semana:

THE WINNER IS... BETING!



A pedidos

O QUÉRCIA QUE EU GOSTO

Pequena Orestíada, publicada graciosamente, em homenagem à delicada e talentosa Senhorinha Olga De Moraes. Pode ser entoadado com viola caipira ou viola de gambá. Com todo amor, respeito, amizade e admiração.

Olga De Moraes é boe moça. Adora agradecer e agrados. Mas não consegue disfarçar insopitável preferência pelos poderosos chefões — de qualquer altura e estilo — que controlam redações e partidos. Olga De Moraes é aime sensível e enlevada. Mas sofre da estranha mania de faturar modas. Quer ter o passaporto esquerdistista com todas as galas. Por seus livros de contabilidade já passaram a ilha, e verdadeira Olga, agora vai traçar o Marighella para não ficar longe das vanguardas, acabará sua longa e profícua vida publicando a correspondência secreta com Fernando Gabeira e uma arrasadora confissão "Eu Quería ser Eduardo Suplicy". Tem um livro — denúncia que jamais publicará "Eu sei quem é o Copy do Marcelo Paiva".

Olga De Moraes é paladina da liberdade de imprensa, desde

que a imprensa esteja toda, sem exceções, a seu favor. Jornalistas independente, segundo ela, só pode ter opinião que coincida com as suas. Pombas, existe alguma, mais perfeita do que ela? Se alguém publicar aqui no Pasquim algo que contrarie seus caprichos manda chamar o homenzarrê de Campinas que abre suas burras e manda inserir, a peso de ouro, em todos os jornais, enormes matérias pagas para intimidá-los.

Olga De Moraes é espirituosa. Gostaria de escrever toda semana coisas engraçadíssimas neste Pasquim. Não tem tempo. Mas quando dá-nos a honra de sua companhia, avisa previamente o coronelzê de Campinas e antes mesmo que nossa edição esteja impressa já apareceu o dinheiro para transcrevê-la nos principais jornais.

Olga De Moraes é desfrutável, disponível, exposta, oferecida — desde que resulte em letra de forma. Precisa aparecer. Se passar três dias sem se lembrar da por alguém, Deus acuda — toma seus sais e já calcula que está condenada ao ostracismo. Na mesma semana em que lembra sua decisiva participação nas greves de 1980 ao lado da quele Meu Tipo Inesquecível de Campinas posava inconsolável para uma reportagem sobre des-

casados. Como é dura a vida dos intelectuais bem-sucedidos!

Olga De Moraes é sutil e jeitosa. Na inspirada catilinária que mandou publicar aos quatro ventos em favor do colete belo latagão, intrépido Caçador de Andorinhas enfiou um panegírico a pequena companheira, muito da sapeca, a quem chama reveladamente de "querida, corajosa e talentosa" (sic). Em setembro sairá a parceria diária mas recusará qualquer tostação de ORESTES. Aliás, este, desprezadamente pagou do seu próprio bolso-do-colete uma matéria de capa na galante revista Senhora da semana passada, a única que conseguiu: o feito brilhante de sai: logo após o anúncio do Plano Cruzado com a capa contra e o texto a favor. Isonação é isto.

Olga De Moraes conhece geografia eleitoral. Precisa dos votos paulistas, logo não tem por que solidarizar-se com o agredido carioca, rende mais louvar os agressores donos da praça.

Olga De Moraes é jornalista, isenta, imparcial, formada na brilhante escola de objetividade. Mas ninguém é de ferro, um dia deixou-se levar por um acesso de passionalismo e fingiu que não entendeu o que leu. Na matéria paga com que bravamente furou

a lista negra do Folhão e do Estadão fazendo com que publicassem nas prestigiosas páginas um nome há muito banido a talentosa escriba não responde à acusação que paira sobre ORESTES de ter traído despuadoradamente a candidatura Fernando Henrique. Lapsos: Olga errou. Um dia conserta, na vida tudo se conserta e se ajusta desde que se aja delicadamente, com punhos de seda inclusive nas catagestasagens. Tem mais: nosso pasquineiro dissera que desconfiava de peemedebista com livre trânsito no atual Estadão mas a talentosa jornalista responde que Antonio Ermirio circula no jornalão sem censura. Adorável cabritinha: Antonio Ermirio não é peemedebista, nem nunca será.

Por estas e outras, te adoro Olguinha De Moraes, de família das sempre-vivas, mestre em dobradinhos douradas. Teu calaboca não me assustou. Por estas e outras, leitores queridos, votem para Constituinte em Rodolfo Konder (PCB). Mas se quiserem dar força na Constituinte ao PMDB, velho de guerra, votem em Audálio Dantas. Para Senadores: Fernando Henrique e Mario Covas. No Rio: Moreira Franco, para o Senado Evandro Lins e Sival Palmeira (PSB). Em Minas: Itamar Franco. (a) A.D. Admirador Inconsolável.

Quando este Pasquim estiver circulando vocês já terão lido centenas de laudas sobre o tal do debate promovido pela Globo & Jornais Paulistas incorporados. Deles vocês certamente NÃO obterão uma visão crítica do badaladíssimo evento. Continuarão todos, estufados de arrogância, perorando sobre sua desprendida contribuição à democracia, etc. etc.

Tolice da grossa: a democracia saiu perdendo porque houve regulamento demais. Com medo de perder o controle do espetáculo e ceder às provocações de jornalistas inescrupulosos (como aconteceu no debate passado, novembro de 85) combinaram-se tantas amarrações que faltou polémica, continuidade, espontaneidade.

Debates e pesquisa são parte do processo político numa democracia. Mas o endeusamento de um debate que acabou pifio torna uma discussão eleitoral algo como programa de calouros, inapável. Política não é isso. Embevecidos com sua importância e a suspetíssima parceria que invalida o princípio fundamental da concorrência e da pluralidade, os jornalões paulistas comportaram-se durante a semana que antecedeu o show como jornaizinhos do Interior faz: ados com seu próprio poder. Geraram tamanha expectativa - sua parte no negócio - que acabaram provocando efeito adverso. Este o lado perverso das unanimidades - erosão do interesse e inevitável baixa de qualidade. "Debate unificado" é como "vestibular unificado" - engodo iotérico.

"IMPREENSA ESCRITA"

Quatro-incensamento, a adoração generalizada e a pretensão foram tão grandes no planejamento do evento que não sobrou tempo nem disposição para o indispensável exercício de humildade de buscar o melhor, colocar-se na posição do público, especular sobre o que é certo ou errado, estabelecer princípios. O serviço público converteu-se em desserviço à sociedade sobretudo no que tange à contribuição daquilo que o idiota do Maluf chama de "imprensa escrita".

Decepção completa. Eis porque: • Se o debate foi tão decisivo para a democracia brasileira, marce zero da nossa maturidade política como foi trombetado, porque não pensaram os Parceiros na participação popular antes do coro de reclamações do distinto público? É democracia reunir os donos da informação e com eles fazer a festa, sozinho?

FALTA DE APETITE

• Para evitar a canalhice que tornou famoso o último debate em S. Paulo chamaram um monte de jornalistas para neutralizar o Boris Casoy, acertaram-se tantas regras que foi pro brejo qualquer possibilidade de fluência. Os bons jornalistas presentes acabaram sumindo porque o seu papel na estruturação foi liminarmente diminuído por precaução. Ficou evidente que, na concepção do programa, levou-se em conta o desempenho casoyístico de novembro passado: se deixassem o Boris sozinho poderia repetir a façanha, se o tirassem seria desgraça-lo; combinaram então que haveria dois representantes de cada promotor. Com tanta gente, ninguém se mexeu. E jornalista que deixa de perguntar, deixa de atuar. O comportamento indevido de um profissional no debate passado acabou comprometendo a atuação dos demais.

• Chamou a atenção porém aquela intervenção tola e pueril do mesmo Boris pedindo aos candidatos a opinião sobre os demais. É aquela despuorada colher-de-cha que deu ao seu particular amigo, Paulo Maluf, sobre energia.

• Se os Parceiros estavam empenhados em oferecer à sociedade um efetivo serviço público por que não abriram mão do patrocínio publicitário? Aquele comercial de cachaca de bolso foi um acinte, verdadeiro insulto num programa apresentado como início da nova era da Política Brasileira.

• Se o debate foi retransmitido para todo o território nacional por que não foram convidados outros jornais de outros Estados? E por que recusaram os Parceiros a retransmissão de outras emissoras particulares conforme denúncia da Record naquela mesma noite? Acesso à informação é essencial à democracia. Notícias não tem dono. Serviço Público não pode ter exclusividade.

• Teotônio Simões é uma caricatura. Humanismo naqueja boca virá algo parecido com pregação hare-krishna.

CACOETE VERBAL

• Tonhão, bisonho, canhestro. Não soube canalizar a polarização que Maluf e Querência lhe ofereceram. Tropeçou, abriu bico, errou. Não foi preparado, não sabe falar (tem um cacoeite verbal horrível enfiando e aderindo naturalmente como se fosse virgula). Não é do ramo, não tem vocação para a vida pública, muito embora tenha as melhores intenções. As enquetes desta segunda-feira o colocam bem no gosto do público mas a mim não converteu como adversário para destrócar Maluf. Mas o público tem suas razões.

• Orestes até que surpreendeu: foi o mais treinado e ensaiado. Usou do charme para o público feminino (urando logo e casaco para exibir os contornos musculares), falou com ênfase, fez gestos reiteradores. Mas Deus meu, onde está a substância do PMDB? Repetir as CIEP's de Brizola é solução para a educação em S. Paulo? Presídios agrícolas acabam com a violência das ruas? É a política de Direitos Humanos que ele torpedeou? Não tem o que dizer mas o diz bem. Será o Reagan do aparelho esquerdista brasileiro?

• Maluf poubou Quércia, mistificou jogando o problema de leite e da carne no âmbito estadual, usou da insolência habitual, mentiu descaradamente e so escapou do cerco do repórter do JT Kleber de Almeida sobre corrupção porque não teve adversários com apetite para esmagá-lo. Querência estava mais preocupado em destrócar Ermirio do que liquidar o arquiinimigo da democracia. Sabem quem ganhou o debate? Joelmir Beting, seguro, calmo, elegante, justo, firme, irônico, comedido e discreto. São Paulo pode envergonhar-se perante o resto do Brasil pela baixa qualidade dos seus candidatos. Mas, sem dúvida, pode orgulhar-se da competência e profissionalismo do condutor do debate.

Joelmir para Governador!

A grande jogada da Globo! CHEGA DE INTERMEDIÁRIOS: JOELMIR PARA GOVERNADOR



Como todo mundo viu, e o Dines ao lado proclamava, o apresentador Joelmir Beting foi o grande vencedor do debate entre os candidatos ao governo de São Paulo. Falou mais que todos eles, apareceu mais no vídeo e ainda teve o poder de fazer os adversários, quer dizer, os candidatos caírem à boca.

Quem pensa que tudo isso aconteceu por acaso, pela falta de brilho dos candidatos ou devido às rígidas normas do debate, está redondamente enganado! Trata-se de mais uma grande jogada da Rede Globo que, cansada de intermediários, decidiu assumir de vez o governo de São Paulo - escalou Joelmir para a espinhosa tarefa.

Já francamente favorito em todas as pesquisas realizadas após o primeiro debate, Joelmir Beting (que, pelo menos, entende de economia) tem tudo o que é necessário neste País para vencer uma eleição: simpatia, boa comunicação e o apoio incondicional da Rede Globo. É o ponto principal dessa estratégia global concentra-se no segundo debate, em novembro, às vésperas das eleições.

No grande prédio anexo da Rua Lopes Quintas, no Jardim Botânico, Rio de Janeiro, já foram esboçadas as regras para o segundo debate. São as seguintes:

- 1- O debate se realizará nos estúdios da emissora em Fernando de Noronha, cujas instalações serão especialmente modificadas para aumentar a segurança. Não será permitida a aglomeração de pavotas, golfinhos ou baleias nas proximidades. Jornalistas e convidados especiais poderão assistir ao debate confortavelmente instalados em suas casas ou mesmo nas sedes regionais da emissora em São Paulo.
- 2- A participação popular, tão reclamada no primeiro debate, será permitida. a) por sinais de fumaça; b) por gritos e sussurros; c) por tambores; e d) por lance ou sorteio. A cada duas mil cartas uma será sorteada. Não serão aceitos lances pessoais dos candidatos.
- 3- Cada candidato terá exatos três segundos para responder as perguntas, podendo fazê-lo com movimentos de cabeça, olhos ou até gestos. Não serão permitidos movimentos que possam significar ofensas aos outros candidatos.
- 4- No primeiro bloco, os jornalistas-debatedores poderão perguntar livremente aos candidatos, desde que o façam em dois segundos. As perguntas inacabadas ficarão no ar, como nos filmes de suspense. No segundo bloco, os candidatos perguntam entre si. No terceiro, perguntam aos jornalistas. No quarto, o mediador pergunta e responde. No quinto...
- 5- Réplicas e retzlicas deverão ser encaminhadas por escrito, em papel ofício, três vias, bandas a máquina, em espaço 2, para a produção do programa.
- 6- Os jornais co-patrocinadores publicarão a íntegra do debate, em capítulos, na seção dos leitores, a partir do dia 16 de novembro.
- 7- A cada exibição ao livro "Por que não o PH?", será cobrado o equivalente a um comercial.
- 8- O patrocínio do debate será dividido em cotas entre os participantes. Quem não tiver empresa própria poderá vender o espaço, recebendo a comissão de contato.
- 9- Comerciais de bebidas, cigarros, roupas e outros produtos normais de consumo poderão ser inseridos, desde que não se façam menções específicas às veladas aos candidatos, como "Tergal, não amarrota, nem perde o vinho, viu Ermirio?" ou "Deca, usada até no banheiro de Frankfurt." ou ainda: "Botinas Amarelão, as legítimas, de Pedregulho ao Morumbi." E nem mesmo "Experimente PH, não é diferente, mas quem sabe dá?"
- 10- O mediador de debate será o governador, digo, o jornalista Joelmir Beting. Ele fará os sorteios, a apresentação dos musicais intercalados e receberá ainda, das mãos do governador Franco Montoro, as chaves do Palácio e o regador de prata da horta governamental.

ROCHA